

A close-up photograph of a person's mouth, showing their teeth and lips. The person has dark skin and is smiling slightly, revealing their upper teeth. The lighting is warm and focused on the mouth.

Palavra de Mestre

Rosângela Venturi Barros

Palavra de Mestre

Rosângela Venturi Barros

Ficha catalográfica

Ficha Catalográfica elaborada por Maria Lúcia Damasceno Fernandes
Bibliotecária da Biblioteca Pública Municipal de Cachoeiro de Itapemirim-ES.

B282p Barros, Rosângela Venturi.

Palavras de Mestre / Rosângela Venturi Barros; organização: Genildo Coelho
Hautequestt Filho. - Cachoeiro de Itapemirim, ES: Gracal, 2012.

60p.

ISBN: 978-85-65435-02-4

1. Folclore - Cachoeiro de Itapemirim (ES). 2. Cultura popular - Espírito Santo
(Estado). 3. Personalidades folclóricas - Espírito Santo (Estado) - Biografia I.
HAUTEQUESTT FILHO, Genildo Coelho. II. Título.

CDD 398.098152

ASSOCIAÇÃO DE FOLCLORE DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

PRESIDENTE

Maria Laurinda Adão

VICE-PRESIDENTE

Izaías Quirino da Silva

PRIMEIRO SECRETÁRIO

Niecina Ferreira de Paula Silva

SEGUNDO SECRETÁRIO

Rogério Vieira Machado

PRIMEIRO TESOUREIRO

Adílio Quirino da Silva

SEGUNDO TESOUREIRO

Erotildes Pereira da Silva

CONSELHO FISCAL

Wilson Diniz Ceccon

Canuta Caetano

Romilson Laurindo da Silva

José Paulino da Silva

Eliziana Lobo da Silva

Adevalmira Adão Felipe

TEXTO

Rosângela Venturi Barros

PESQUISA

Genildo Coelho Hautequestt Filho e Rosângela Venturi Barros

CAPA

Diego Scarparo

PROJETO GRÁFICO

Diego Scarparo

DIAGRAMAÇÃO

Alessandro Souza

FOTOGRAFIA

Dário Dias

Luan Volpato

Renilson Chagas

REVISÃO

Rosângela Venturi Barros

PREFÁCIO

Anete Lacerda

Rosângela Venturi Barros nasceu em Muqui-ES, é jornalista pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), licenciada em Letras (habilitação Português/Literatura) pelo Centro Universitário São Camilo e especialista em Leitura e Produção de Texto pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Em 2008 foi uma das vencedoras do Prêmio Capixaba de Jornalismo (segundo lugar na categoria jornalismo impresso). Em 2009 venceu o Prêmio Capixaba de Jornalismo Cooperativista nas categorias impresso e online. Como repórter do jornal A GAZETA, entre os anos de 1989 e 2009, produziu dezenas de reportagens sobre cultura popular no Sul do Espírito Santo. É membro fundadora da Associação de Folclore de Cachoeiro de Itapemirim e também membro colaboradora da Comissão Espírito Santense de Folclore. Integrou o Conselho Municipal de Registro do Patrimônio Vivo de Cachoeiro nos anos de 2010, 2011 e 2012. Entre fevereiro de 2010 e julho de 2012 atuou na Prefeitura de Cachoeiro, inicialmente como consultora na Secretaria de Cultura e, posteriormente, como subsecretária de Jornalismo na Secretaria de Comunicação Social.

Prefácio

Ao contrário de Rosângela Venturi, que tem uma relação íntima, mágica e apaixonada com a Folia de Reis, eu só a conheci pessoalmente já adulta, num evento em que estávamos juntas. Mesmo não conhecendo a tradicional manifestação folclórica, fui invadida por lembranças das muitas histórias do meu pai. Ele conta que, ainda bem criança, fugia de casa ao ouvir as primeiras toadas anunciando a chegada do grupo de Folia de Reis à casa de um tio que morava próximo.

Fala do seu fascínio pela música e pelos personagens multicoloridos, algo que não fazia parte de sua realidade, mas provavelmente o encantamento é o mesmo que percebo no olhar de Rosângela Venturi. Voz embargada pela emoção e certamente pela memória afetiva que a transporta para a companhia do palhaço Cafuá, de suas máscaras e versos, ela me explica ser incomum as roupas pretas usadas durante a jornada daquele ano pelo grupo familiar que havia perdido um filho folião.

Da Folia de Reis para o Caxambu, me recordo da primeira vez que, para cumprir pauta para o jornal A Gazeta, tive contato com a Mestra Dona Canutinha, de Vargem Alegre. Ela me dizia o quanto era difícil manter a tradição aprendida com os antepassados porque os mais jovens tinham vergonha de dançar o Caxambu.

Reflijo sobre a importância desses Mestres para a preservação da memória e dos saberes, cujos papéis são desempenhados quase sempre como uma missão, conforme revela a autora.

Enquanto as toadas forem capazes de encantar e enquanto houver mestres dispostos a transmitir conhecimento, vencendo o cansaço e até o preconceito, as manifestações folclóricas estarão vivas. E suas identidades preservadas.

“Palavra de Mestre” certamente tem um papel fundamental em desvendar almas e corações de personagens que dedicaram toda a vida à cultura popular, desconhecendo talvez que com isso escreveram parte importante da história.

Se existe alguém que poderia revelar essas histórias com conhecimento de causa e a competência que lhe é peculiar, essa pessoa é Rosângela Venturi.

Anete Lacerda
Jornalista

Nota da autora

O município de Cachoeiro de Itapemirim tem se destacado no resgate e valorização da cultura popular, seja por meio de uma ação afirmativa dos próprios grupos, seja por ação de políticas públicas municipais como a Lei Rubem Braga de incentivo à cultura e a Lei Mestre João Inácio, que certifica agentes da cultura popular como patrimônio vivo. O fato é que Cachoeiro concentra expressivas e diversificadas manifestações folclóricas, tanto na cidade como na zona rural.

Nossos mestres têm obtido reconhecimento em nível estadual e até nacional pela importância e peculiaridade do saber que construíram. Registrar essa trajetória, de forma a compartilhar tal diversidade, é importante para ampliar esse reconhecimento na própria comunidade e também para garantir que essas figuras humanas e seus saberes não se percam no tempo e no esquecimento.

É o conhecimento dessa visão subjetiva que se faz fundamental para compreender a pertinência da cultura popular. Daí a proposta de um livro com perfis de mestres do nosso tempo. Define-se como mestre aqui a pessoa que além de possuir um saber constituído na vivência e oralidade, promove a transmissão desse saber.

“Palavra de Mestre” é um projeto da Associação de Folclore de Cachoeiro, entidade que desde sua fundação em 2001 vem fomentando a revitalização dos grupos e a preservação da memória e dos saberes. A esse livro somam-se inúmeras outras ações nesse sentido.

A produção do livro foi feita por meio de pesquisa documental e de entrevistas com cada um dos personagens, cuja seleção ficou a cargo da própria Associação de Folclore de Cachoeiro de Itapemirim. No caso dos mestres já falecidos, como João Inácio e Luzia Caetano, a elaboração dos perfis contou com a ajuda fundamental de parentes próximos. Há muitos outros mestres em Cachoeiro, claro. Para este projeto, contudo, foram selecionados apenas 18. Os demais poderão ser contemplados numa próxima edição.

Mais do que o registro de dados biográficos dessas personalidades, a proposta da publicação é revelar como tais mestres se percebem, bem como a percepção que têm do saber que possuem e a forma de perenizá-lo. Para a grande maioria, o papel de mestre assume contornos de missão, perpassada por um forte sentimento religioso, de devoção.

Como repórter do jornal A GAZETA, entre 1990 e 2009, tive a oportunidade de conviver com a maioria dos personagens retratados aqui. Minha relação com a cultura popular, entretanto, vai além do interesse jornalístico. Situa-se no campo da memória afetiva. Nasci num lugar chamado Orange, entre os municípios de Atílio Vivacqua e Muqui. Desde cedo convivi com foliões, palhaços, rezadores, contadores de “causos” e outros tipos populares que enriqueceram meu imaginário e influenciaram minha visão de mundo.

Lembro-me de maneira especial do palhaço Cafuá, empregado da família, com quem aprendi a não ter medo da assustadora máscara que confeccionava com couro de cabra para as jornadas natalinas, enquanto recitava versos para me distrair. Lembro-me da minha mãe absorta na máquina de costura, dando forma ao traje multicolorido do melhor palhaço da região, naqueles tempos, e do efeito mágico que os espelhos, fitas e outros ornamentos da bandeira causava em mim.

Lembro-me, principalmente, da expressão contrita dos foliões e do som das toadas anunciando que era tempo de renovar esperanças.

Esse sentimento de respeito e reverência inspira o conteúdo de “Palavra de Mestre”.

Boa leitura!
Rosângela Venturi Barros

Agradecimentos

A minha família, em especial a Almir Lima Barros, marido e companheiro de todas as horas; Almerinda (viúva do mestre João Inácio); Anete Lacerda; Isabel Bastos; Genildo Coelho; Joelma Consuelo; Diego Scarparo; Canuta Caetano; Rondinelli Thomazelli; Associação de Folclore de Cachoeiro de Itapemirim; Felipe Ribeiro; Maria Rosa de Sá; Adriana Bravin; Prefeitura de Cachoeiro de Itapemirim e todos os mestres citados nesta publicação.

Dedicatória

A

os meus pais Cely e Eurico.

Ao palhaço Cafuá, que para mim renasce sempre que reencontro as cores e os sons de uma Folia de Reis.

S u m á r i o

Mestre João Inácio	16
Rogério	18
Wilson	20
Zé Palhaço	22
Nestor Girardi	24
Terezinha de Jesus	26
Isolina	28
“Seu” Adílio	30
“Seu” Izaías	32
Canutinha	34
Paulinho	36
Don Gildo	38
Ormy	40
Luzia	42
“Cumadi” Ilinha	44
Maria Laurinda	46
Mestre Falcão	48
Mestre Paulinho	50
Sobre a função do mestre	53
Outros projetos da Associação de Folclore	57

Palavra de Mestre

Rosângela Venturi Barros

“A Folia de Reis vem do princípio do mundo”



Mestre João Inácio

Sempre que perguntado sobre o significado das Folias de Reis, mestre João Inácio respondia com convicção: “Isso vem do princípio do mundo”. Era, em toda a sua simplicidade de filho de lavradores, uma forma de conferir legitimidade e sentido à devoção que norteou sua existência. Ele foi um dos mais respeitados mestres foliões do Espírito Santo.

Nascido em 17 de outubro de 1933, em Muqui, começou a acompanhar Folias de Reis ainda menino. Aos dez anos seguia o pai na Folia Estrela do Oriente. Em 1951, aos 18, mudou-se para Cachoeiro em busca de trabalho. Três anos depois montou seu próprio grupo, a Folia Estrela do Mar, no bairro Zumbi, da qual foi mestre por mais de meio século, quase o tempo de duração de seu casamento com Almerinda.

Bem humorado, brincalhão, divertido, mas ao mesmo tempo sério e rígido quando o assunto envolvia o universo dos “Santos Reis” e a disciplina dos foliões, revela a viúva com quem conviveu por 56 anos e teve duas filhas. “Começamos a namorar quando eu tinha 13 anos, casamos aos 18 e vivemos juntos 51”, conta Almerinda com os olhos cheios de lágrimas.

Apaixonada pelo marido, leva sempre na bolsa dezenas de fotografias dele, de várias fases da vida. É o jeito que encontrou para amenizar a ausência física e o incômodo da saudade permanente. João Inácio morreu em 11 de dezembro de 2009, aos 76 anos, em casa. Em 2010 a lei municipal 5388, que reconhece e certifica os mestres da cultura popular como Patrimônio Vivo em Cachoeiro, ganhou seu nome.

Almerinda jamais saiu na Folia, mas respeitava a devoção do marido. Nos últimos tempos chegou a acompanhar o grupo, mas somente porque “Seu” João já estava doente. Para o mestre, Folia de Reis era sinônimo de devoção e penitência. “Ele tinha respostas e sabia todas as toadas de cor. Era cada uma tão bonita que tocava o coração da gente”, lembra emocionada. Desde que João Inácio morreu, ela se recusa a ver ou ouvir Folia “porque é sofrido demais”.

Iletrado, Mestre João Inácio forjou sua visão peculiar sobre o Evangelho e a própria vida a partir do que viu e ouviu desde menino. É a oralidade a fonte primária do saber da cultura popular. Em 2006 sua versão do Evangelho foi tema do documentário “O Evangelho segundo Seu João”, de João Moraes e Eduardo Souza Lima.

Em 2009 recebeu o Prêmio Mestre Armojo do Folclore Capixaba, concedido pela Secretaria de Estado da Cultura (Secult) com o objetivo de premiar a atuação dos mestres das manifestações do folclore, fortalecer e divulgar os saberes e fazeres, reconhecer e valorizar os mestres e conceder aos contemplados o título de “Mestre da Cultura Popular do Estado do Espírito Santo”.

“Seu” João era capaz de narrar “histórias da bíblia” por horas a fio, com surpreendente riqueza de detalhes e tamanha firmeza que ninguém se atreveria a duvidar, mesmo dos episódios mais fantásticos. Criava parábolas para explicar os fatos e para tudo buscava respostas.

Com base nessa visão de mundo particular, percebia-se como um homem destinado a cumprir uma missão: repetir a jornada dos “Santos Reis” a cada ciclo natalino e ensinar o que foi decretado por Deus. Quem o conheceu não tem dúvida de que conseguiu cumprir tal missão.

“ O mestre tem que liderar a si mesmo
e saber apontar o caminho”



Rogério

Sucessor de João Inácio no comando da Folia de Reis Estrela do Mar, Rogério Vieira Machado demonstra a mesma intensidade de fé nos “Três Reis” e o mesmo senso de compromisso com a missão. Faz questão de reverenciar a memória e os ensinamentos do mestre. “Ele me ensinou a ser homem, a ter responsabilidades, palavra. Foi muito mais que um pai”.

Rogério também começou menino no universo das Folias de Reis. Desempenhou várias funções ao longo de mais de 30 anos de vivência. E se recorda com emoção do dia em que João Inácio anunciou que seria ele seu sucessor no comando da Estrela do Mar, o mais tradicional grupo em atividade em Cachoeiro.

Foi em 6 de janeiro de 2009, não por acaso o Dia de Reis. “Tinha um encontro em Muqui e ele, já adoentado, disse que não iria e que eu seria o mestre. Em dezembro daquele ano ele morreu”, rememora.

Nascido e criado no Zumbi - o mais populoso e eclético bairro de Cachoeiro-, em 9 de março de 1968, Rogério já trabalhou como mecânico, marleteiro e desde 1993 ganha a vida como segurança. É pai de nove filhos. Tem um jeito sereno e a fala pausada. Evoca a figura da avó Maria, parteira conhecida na região, como uma de suas principais referências ao lado de João Inácio.

Começou a sair em Folia de Reis aos oito anos, levado por Jorge Carias, já falecido, mestre da Estrela Dalva. Aos 15 entrou para a Folia Estrela do Mar, onde começou também “batendo caixa”. Mais tarde, com a falta de um palhaço no grupo resolveu assumir seu lugar. Fez então promessa de cumprir a jornada por sete anos. Mas acabou estendendo o tempo por mais nove, num total de 16 anos.

Indagado sobre a função do palhaço na Folia, faz ar de mistério e revela que sob a máscara o homem se transfigura. “Embaixo da máscara, nenhum palhaço está sozinho”, afirma numa referência à vivência religiosa que transita entre a fé católica e as religiões de matriz africana.

Por sua devoção e compromisso, foi convidado por João Inácio para assumir o ofício de contramestre, função que desempenhou por dez anos até se tornar o líder do grupo. “É uma coisa apaixonante. Depois que a gente entra na Folia não tem como sair. Pode até tentar, mas parece que fica faltando alguma coisa. Quando chega o dia 24 de dezembro, é como um chamado que a gente precisa atender”.

Rogério é um dos mestres da cultura popular em Cachoeiro reconhecidos como Patrimônio Vivo em 2012. Este ano é especial para a Folia Estrela do Mar também porque o grupo ganhou o Prêmio Renato Pacheco, concedido pela Secretaria de Estado da Cultura (Secult) a grupos folclóricos radicados no Espírito Santo para aquisição de indumentárias, adereços e instrumentos musicais.

Instado a explicar o que é uma Folia de Reis, após longa e refletida pausa apresenta uma definição que só reforça o sentido devocional. “É um grupo religioso que sai falando sobre o nascimento de Jesus, levando a esperança de um Deus vivo na casa de quem recebe a bandeira. Quando se abre a porta para a Folia, se abre para o Senhor”.

Devoção, compromisso e fé estão na base das referências que constituem a identidade dos portadores do saber popular. Em cada grupo, é a partir da visão subjetiva do mestre acerca dos fatos e do mundo que as versões são assimiladas, transmitidas e se tornam críveis.

Há pouco tempo no comando da Estrela do Mar, Rogério reconhece que a tarefa não é fácil. “O papel do mestre é liderar. Mas antes de liderar os outros, é preciso liderar a si mesmo. E tem que saber apontar o caminho”.

"Mestre de Folia de Reis tem que
saber cantar as profecias"



Wilson

Aos 23 anos, Wilson Diniz Cecon é o mais jovem mestre de Folia de Reis do Espírito Santo. Começou no folguedo aos 10, “brincando” de Folia junto com outras crianças do distrito de Burarama, onde morava. Aos 15 tornou-se mestre da Folia Missão Divina, hoje formada por jovens que ajudam a manter viva a tradição.

A Missão Divina foi fundada com apoio do mestre folião Areno Francisco dos Santos, que doou alguns instrumentos usados e ensinou as primeiras profecias. No começo as crianças brincavam tocando latas e caixas de papelão. Em 2006 o grupo cumpriu pela primeira vez o ciclo natalino sozinho, liderado por Wilson.

Depois de dois anos como mestre, ele descobriu que sua avó materna e principal incentivadora, Maria do Carmo Diniz, a Dona Carminha, estava muito doente. Fez então a promessa de que completaria sete anos à frente da Folia caso a avó se curasse. Ela não se curou do câncer, mas em vez de desistir da promessa, ainda não cumprida na ocasião, Wilson decidiu seguir na missão de mestre e manter o compromisso com os “Santos Reis” em homenagem à memória da avó.

Mesmo no começo, quando tudo era mais uma brincadeira, Dona Carminha exigia das crianças compromisso e responsabilidade. Mas fazia isso de forma terna, incentivando o crescimento dos foliões. Ela era neta do também já falecido Mestre Hipólito, um dos mais importantes da região. A Folia Missão Divina é hoje reconhecida e respeitada não só em Burarama, mas em todo o município e até fora de Cachoeiro.

Tímido, Wilson conta que nunca gostou de “cantar de mestre”. Mas como se mostrou um discípulo dedicado no aprendizado das profecias, se sentiu chamado à responsabilidade e aceitou a missão. Em 2011 foi reconhecido como Patrimônio Vivo de Cachoeiro, mesmo sendo tão jovem.

Ele diz que o mestre tem que saber liderar, saber chamar a atenção dos foliões para manter a disciplina e ter conhecimento das profecias, o que exige empenho e dedicação. No seu grupo, formado essencialmente por jovens, o desafio de mantê-los motivados e comprometidos é ainda maior. “Aprendi com Mestre Areno a ser exigente, a ler a bíblia para conhecer as profecias. Sou rigoroso, mas sei ser humilde”, pondera.

Intuitivo, Wilson aprende muito por observação. Apesar da pouca idade, demonstra firmeza no propósito de honrar as tradições. “Não se pode desviar do caminho. O preço é alto”, reflete. Durante o ciclo natalino, ele não bebe e se mantém “em preceito”, o que significa não ter relações sexuais. Hoje promove oficinas onde ensina às crianças de Burarama os primeiros passos no folguedo.

O compromisso com a Folia de Reis não é o único com caráter de missão na vida desse jovem. Ele concilia a fé nos “Santos Reis” com a vivência na Umbanda, uma tradição da família que mantém no interior de Burarama o Centro Imaculada Conceição e São Jorge Guerreiro, dos mais antigos do Sul do Estado, com registros da década de 1930.

Lá Wilson é Ogã. A palavra Ogã vem do Yorubá e significa Senhor da Minha Casa. O Ogã é o médium responsável pelo canto e pelo toque (no atabaque). Para exercer tal função é preciso ser bem preparado e coroado ou iniciado. A quem questiona a mistura de tradição católica com Umbanda, ele responde sem titubear: “Deus é único”. E acrescenta que é essa convivência que lhe dá força, escudo e proteção.

“Fiz uma promessa sem vencimento para os Santos Reis. Só paro quando morrer”



Zé Palhaço

José Paulino da Silva, o Zé Palhaço, como o próprio nome sugere exerceu a função de palhaço em Folias de Reis a maior parte da vida. Atualmente é mestre da Folia Santa Ana, do bairro Zumbi, onde mora há mais de 40 anos. Nasceu em 26 de fevereiro de 1944, na localidade de São Luís, em Muqui, e morou até a adolescência em São José das Torres, em Mimoso do Sul, onde a tradição das Folias está incorporada ao cotidiano dos moradores.

Lavrador e com pouca escolaridade, construiu o conhecimento a partir do que ouviu contar. Tem um jeito peculiar de descrever os “fatos bíblicos” e o mistério que cerca o universo dos palhaços. Gesticula de maneira teatral e alterna o tom de voz e as expressões faciais, entre o contrito e o risonho, de forma a envolver o interlocutor. Simpático e falante, é capaz de emendar um “causo” no outro, diluindo as fronteiras entre tempo, espaço, verdade e fantasia.

Revela, por exemplo, que tinha medo de palhaço na infância. E que sua devoção aos “Santos Reis” surgiu no dia em que, ainda menino, viu a imagem numa Folia no interior de Muqui. Anos mais tarde, o filho adoeceu e fez então uma promessa aos santos de devoção para obter a cura da doença. Graça concedida, desde então passou a sair em Folias, tendo percorrido todo o sul do estado.

A primeira promessa como palhaço, entretanto, foi feita aos 36 anos de idade, no Natal de 1980, quando começou a jornada na Folia de Reis Estrela do Mar, sob o comando do Mestre João Inácio. Logo depois passou a cumprir a jornada no grupo de Jorge Carias. Em 1985 conheceu sua atual esposa, Eliana Azarias Carias, que era bandeireira da Folia do tio.

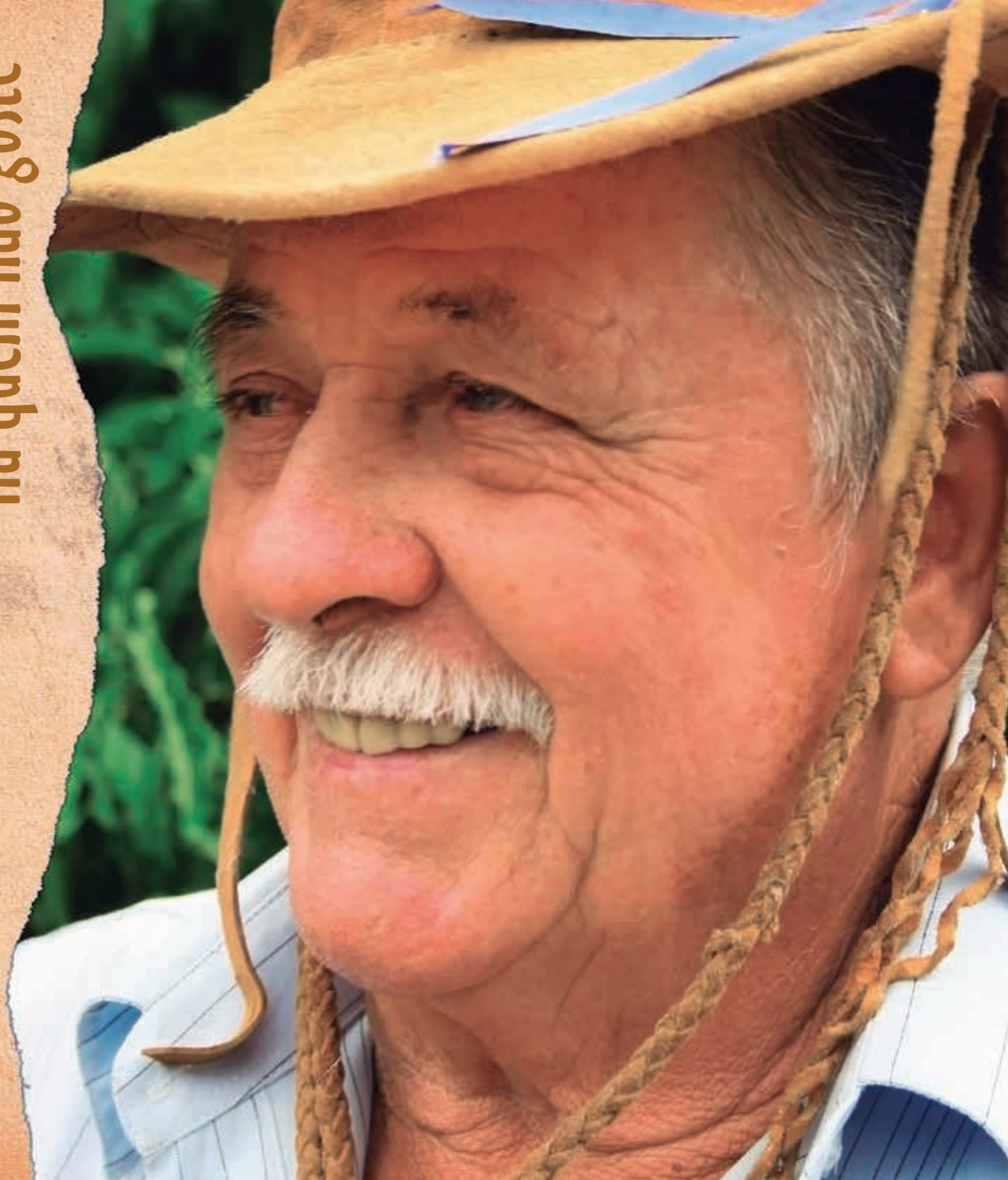
“A pessoa que é devota tem de sair os sete anos”, ensina sobre a missão do palhaço. E acrescenta que se não cumprir, passa a ser perseguida. Por quem? “Pelo coisa ruim”, responde ligeiro, com uma expressão grave. Nas Folias, os palhaços têm a função de “distrair os perseguidores do Menino Jesus”, explica.

E o que precisa para ser um bom palhaço? Além da “cara de pau”, tem de saber trovar e ter respeito, responde simpático, acrescentando que deve andar sempre atrás da bandeira e jamais brincar sozinho. Com quase 70 anos, Zé Palhaço ainda mantém a agilidade da juventude e é capaz de declamar um amplo repertório de versos à menor provocação.

Com o falecimento do Mestre Jorge, Zé Palhaço passou a cumprir sua promessa em outros grupos da região. Cumpriu jornada em diversas Folias em municípios vizinhos, sempre na companhia da esposa bandeireira. De volta ao Zumbi, saiu por dois anos na Estrela do Mar. Mas graças ao desejo de Eliana, decidiu levantar a própria bandeira em honra a Santa Ana. Em 2011 ganhou o Prêmio Mestre do Folclore Capixaba, concedido pela Secretaria de Estado da Cultura (Secult).

Ele conta com orgulho que em 2006 a esposa, sem revelar a ninguém, costurou e enfeitou uma bandeira em honra a Santa Ana. Mas a manteve guardada. Um dia, ao receber a visita de João Inácio, ela decidiu mostrar a bandeira. Ele não só aprovou a ideia de criar um novo grupo, como incentivou, doando a vestimenta. Zé Palhaço fez então uma nova promessa aos “Santos Reis”, mas desta vez sem vencimento. “Só paro quando morrer”.

"Folia é uma fé, devoção. De Folia não há quem não goste"



Nestor

Assim como muitos outros descendentes de italiano em todo o sul do estado, Nestor Girardi nasceu numa data, mas o registro de nascimento foi feito em outra. O nascimento foi em 13 de agosto de 1945, mas na certidão consta 23 de setembro do mesmo ano, na localidade de Santa Luzia, próximo ao distrito de São Vicente, interior de Cachoeiro de Itapemirim.

Essa é só mais uma das muitas histórias que gosta de contar. Falante e vivaz, “Seu” Nestor diz que nasceu e viveu toda a existência no mesmo lugar, entre morros cobertos por cafezais. Agricultor, aprendeu também o ofício de pedreiro. Revela com orgulho que ergueu a própria casa no pátio do antigo engenho de cana de açúcar do avô.

Tem quatro filhos e quatro netos. E a esperança de que algum deles se interesse pelo folgado. Bisneto de folião, desde menino acompanhava a Folia de Reis de São Vicente, formada por moradores de várias localidades próximas, sendo a maioria da própria família Girardi.

A Folia cumpria todos os anos o ciclo natalino- entre 24 de dezembro e 6 de janeiro, e estendia a jornada até o dia 20 de janeiro, Dia de São Sebastião, quando fazia a entrega da bandeira na igreja da comunidade. Tudo o que era arrecadado era destinado para a igreja.

“A base daquela Folia era Girardi. Era uma festa com muita cantoria e diversão. Durante a semana a peregrinação ia até a meia-noite porque a gente tinha que trabalhar no dia seguinte, mas nos finais de semana a gente varava a madrugada. E como chamava gente”, relata saudoso dos velhos tempos. Há cerca de dois anos, contudo, o grupo não saiu mais. “O pessoal desanimou”, explica.

“Seu” Nestor sonha em reativar a Folia no próximo ciclo natalino. Aos 67 anos, garante ter energia e disposição para uma nova jornada. Mestre há quase 30, ensina que “a Folia é puxada no batuque da caixa”. Daí a importância de ter no grupo alguém que saiba tocar o instrumento.

Nestor admite, entretanto, que a principal dificuldade para retomar as atividades é motivar os antigos integrantes e também atrair jovens foliões para o folgado. “Hoje tem muita distração. A pessoa não quer mais compromisso”, lamenta.

Ser mestre, na sua definição, é ter liderança para manter a disciplina do grupo, para manter na linha principalmente aqueles que não resistem a uma “boa pinga”. E argumenta: “Não dá para entrar na casa dos outros com gente embriagada. Tem de ter respeito”.

Ele diz que Folia significa um ensinamento, uma diversão. E também uma forma de se relacionar com a comunidade. “É uma tradição que não pode terminar”, enfatiza. Bom contador de histórias, demonstra entusiasmo quando encontra um interlocutor disposto a ouvir seus “causos”. Enreda as histórias sempre com um sorriso largo. “Folia é uma fé, uma devoção. De Folia não há quem não goste”, decreta.

“Enquanto Deus me determinar, vou
cumprir minha missão”



Terezinha



artesa Terezinha de Jesus Oliveira Francisco nasceu em Arraial do Café, município de Alegre, há 56 nos. Mora em Cachoeiro desde menina, sempre no bairro Zumbi. Há quase 30 anos mantém a casa de oração “Centro Espírita de São Jorge”, onde atende pessoas em busca de conforto espiritual.

Mestra do grupo de Bate Flechas São Sebastião do Zumbi, ela conta que na juventude tinha aversão ao trabalho espiritual. E resistiu o quanto pôde, até se render à missão que o próprio avô profetizara, quando ela tinha por volta de seis anos de idade. “Um dia ele olhou para mim e disse que eu teria uma missão a cumprir. Só pude compreender isso bem mais tarde”.

Altiva, serena e articulada, Terezinha atribui seu equilíbrio à obediência de princípios que considera definitivos, como o respeito ao próximo, e à aceitação do desafio de exercer uma liderança espiritual. Ela revela que as primeiras manifestações de mediunidade aconteceram na adolescência, por volta dos 14 anos.

“Fiquei assustada e resisti. Não queria me envolver com forças ruins. Decidi que só aceitaria se fosse para fazer o bem. E tem sido assim nesses anos todos”. No começo ela atendia em centros de outras pessoas. Em 1986 o marido Jovaldino Francisco sugeriu que abrisse um quarto de oração na própria casa.

A missão a que Terezinha se refere está diretamente ligada ao Bate Flechas, folguedo cuja ritualística está associada a um contexto religioso e que tem na dança um de seus principais componentes. O Bate Flechas louva São Sebastião. Mas cada grupo incorpora homenagens a outros santos, em especial à Nossa Senhora Aparecida, de quem a artesã é devota.

Terezinha participa de Bate Flechas há muitos anos, mas só recentemente montou o próprio grupo. E é exigente. “Gosto de tudo muito bem organizado”, frisa. Antes de liderar o Bate Flechas de São Sebastião, contribuiu para o resgate da tradição da Dança de Fitas, cuja apresentação é feita mais comumente no mês de junho.

Ciente da responsabilidade que tem diante da comunidade, Terezinha afirma que sua vida seria muito difícil caso não cedesse à profecia do avô. “Talvez nem estivesse viva”, pondera. Acolhedora, diz que se a pessoa bater em sua porta pedindo oração para a família, será atendida. Mas caso não demonstre respeito, manda seguir em frente. “Enquanto Deus me determinar, vou cumprir minha missão”.

Sobre a função do mestre, compara com o cuidado em relação à própria casa. “É preciso disciplina e autoridade”. E assinala que tem fé incondicional na força do livre arbítrio. “Aquilo que é bom Deus já colocou no nosso caminho. Basta escolher. O que não queremos para a gente, não devemos fazer para os outros”, ensina.

"Tudo o que fazemos na vida é uma plantação."
A gente prepara os canteiros



Isolina

Gestos elegantes, forte, positiva. Niecina Ferreira de Paula Silva, a Dona Isolina, é reconhecida por ser uma lutadora incansável pela preservação da cultura popular em Cachoeiro. Hábil com as palavras, fala de maneira pausada e com os olhos fixos no interlocutor, de forma a não deixar dúvidas sobre o que pretende dizer e fazer.

Nascida em 2 de abril de 1955, em Itaici, interior de Muniz Freire, também é moradora do Zumbi há mais de 40 anos. Os pais eram trabalhadores rurais. A mãe rezadeira. Desde menina demonstra liderança e determinação. Ela conta que ainda na escola, em Anutiba, no interior de Alegre, bem pequena, chegou a criar um grupo teatral e dirigir as encenações.

Há anos comanda os grupos de Bate Flechas de São Sebastião Menino Jesus e o Caxambu da Velha Rita. Começou o aprendizado sobre o Bate Flechas na infância, acompanhando a mãe na casa de oração em dias de festas religiosas ou nas noites em que a “brincadeira” era iniciada pelos agricultores depois de um dia de trabalho. Chegou a criar o próprio grupo de jovens “flecheiros” quando a família ainda morava em Anutiba.

Com o casamento e a mudança para o Zumbi, aos 19 anos, deu continuidade às atividades e assumiu a liderança do Bate Flechas de São Sebastião do Menino Jesus. Envolveu-se na organização de eventos realizados pelo grupo e logo obteve o reconhecimento da comunidade. O evento mais tradicional é a homenagem ao Dia de Nossa Senhora Aparecida, em 12 de outubro, data em que ocorre o mais antigo encontro de Bate Flechas do Espírito Santo.

Nesse dia os integrantes do grupo e jornalheiros visitantes saem em procissão pelas ruas do Zumbi conduzindo a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Ela também promove a festa do 13 de Maio, com a realização da famosa Feijoada Comunitária do bairro Zumbi, nas dependências da sua Casa de Oração. Nessa ocasião, o Caxambu é praticado pelos membros da casa, em caráter de ritual religioso, após a incorporação da mestra pela entidade “Vovó Rita”.

Em 2010 Isolina foi reconhecida como Patrimônio Vivo de Cachoeiro. No mesmo ano, em 13 de maio, o Grupo de Caxambu da Velha Rita recebeu o título de Patrimônio Nacional concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Ainda em 2010 ela recebeu o Prêmio Mestre Armojo do Folclore Capixaba e o Prêmio Renato Pacheco, ambos concedidos pela Secretaria de Estado da Cultura (Secult).

Isolina é membro fundadora da Associação de Folclore, tendo presidido a entidade nos primeiros três anos de funcionamento. “O que a gente sabe, não aprende só na escola”, costuma repetir, acrescentando que tudo o que fazemos na vida é uma plantação. “A gente prepara os canteiros. Fiz um canteiro pequeno e ele foi reproduzindo”, filosofa.

A mestra tem uma mania curiosa, a de anotar em cadernetas espalhadas pela casa fatos e reflexões do seu dia a dia. E está escrevendo, também à mão, num caderno de pauta, a própria biografia. Segundo conta, num dia por volta dos 20 anos teve a revelação de que teria que dar seguimento à missão da mãe rezadeira. Oito dias depois, a mãe morreu.

“É um compromisso que procuro honrar com alegria”, frisa. Isolina diz que liderar é uma tarefa difícil. “Há 30 anos era mais fácil, hoje tem muita distração, é complicado manter as pessoas na disciplina”, reconhece.

Com um sorriso terno, revela que o segredo para a serenidade que aparenta é o agradecimento diário e o exercício da prece. “Na idade que estou chegando, posso cuidar de mim mesma. Mas a questão é que não consigo porque tem sempre alguém do lado precisando. É uma missão da qual não dá para escapar”.

“É a fé que nos mantém no caminho reto”



“Seu” Adílio

Sereno e cauteloso, Adílio Quirino da Silva reflete bem antes de falar. O cuidado se justifica pelo temor da discriminação. Nascido em 22 de abril de 1946, na região do Caparaó, faz parte de uma família que mantém uma casa de oração da denominação “Espírita Esoterista”, cujo líder é o irmão Izaías.

“Antes havia perseguição, intolerância. Hoje felizmente tem mais liberdade”, diz, referindo-se à prática espiritual que é tradição na família. Adílio acredita que “a palavra divina não é só discurso, precisa ser vivenciada” e que “todos os caminhos convergem para Deus”.

Já foi palhaço de Folia de Reis e há mais de 30 anos é contramestre e guardião do conhecimento sobre a única Charola em atividade no Espírito Santo, grupo que só sai durante o dia, entre o período de 6 a 20 de janeiro, dia de São Sebastião. Aos nove anos iniciou seu aprendizado sobre a Charola de São Sebastião, acompanhando o pai Manoel Quirino da Silva e os irmãos nos trabalhos da casa de oração que era comandada por ele, e também nas peregrinações que o grupo fazia.

Em 2010 Adílio foi certificado pela Lei Mestre João Inácio como Patrimônio Vivo de Cachoeiro. E em 2012 recebeu o Prêmio Mestre Armojo do Folclore Capixaba, concedido pela Secretaria de Estado da Cultura (Secult).

Ele conta que nasceu e viveu “embalado na toada” e aposta na continuidade da tradição de família. O filho Alexandre, o caçula, já é contramestre. Mas não esconde a preocupação com a possibilidade de que os conhecimentos se percam pela falta de interesse da maioria dos mais jovens. “Antes as pessoas tinham mais compromisso. Hoje não tem mais isso”, analisa.

Adílio diz que com a atuação na Charola tem obtido muita graça e misericórdia para si e para os outros. E aponta a fé como o verdadeiro sentido para a vida. “É a fé que nos mantém no caminho reto. Se perder a fé do caminho de Deus, naufraga”, sentencia.

Para o lavrador aposentado, que mal frequentou a escola, a missão do mestre é de grande responsabilidade. “Ele é o guia. Ele que tem de ensinar, andar seguro e certo para levar os discípulos na linha. Se eu andar tortuoso, eles vão andar também”. Entre seus ensinamentos está o de que é preciso cuidado com as palavras.

Adílio ensina que é preciso conter o impulso de falar demais porque não se tem controle sobre a palavra proferida. “Tem de ter um freio ajustado na boca”, aconselha.

"O mestre tem que saber falar, mas
não é tudo que pode ser dito"



“Seu” Izaías

Bom orador, Izaías Quirino da Silva tem uma pregação envolvente e um conhecimento profundo das profecias bíblicas. Mas até desvendar a missão para a qual acredita ter sido destinado, a de pregar a palavra de Deus, conta que viveu dias de intensa angústia, solidão e desespero. “A sabedoria não é humana. Vem de outro plano”, garante.

Nascido em 12 de novembro de 1954, em Alto Lambari, município de Alegre, Izaías vem de família numerosa. Nove irmãos ao todo, unidos sob os ensinamentos do pai Manoel Quirino da Silva, conhecido líder espiritual na região. Desde criança envolveu-se no Bate Flechas, mas relutou até aceitar que o viés religioso é o que dá sentido à manifestação.

Tanto a Charola como o Bate Flechas têm forte componente ritualístico. “Não é diversão e nem exibição. A Charola e o Bate Flechas pertencem à nossa missão que é espiritual, de levar coragem, paz e amor ao coração das pessoas”, afirma. Izaías é o diretor do Centro Espírita da denominação Esoterista, que funciona há quase 30 anos na localidade de Alto Paulista, em Burarama.

“Todos somos instrumentos. Todos nós temos uma missão com Deus. Uns de fazer bons prodígios, outros não”, sentencia. Ele conta que bem jovem gostava do Bate Flechas, da Charola, mas não tinha consciência da importância de ambos para a conexão com o plano divino. “Achava o trabalho espiritual sem significado, uma ilusão”, confessa.

Entre os 18 e 21 anos morou no Rio de Janeiro, tinha um bom emprego, mas vivia angustiado. De volta ao lugar de origem, a sensação de desconforto permaneceu. Tinha insônias terríveis, ouvia vozes, sofria de alucinações. “Havia dias em que me sentia muito perturbado e sofria com isso”. Pelas mãos da esposa foi levado ao Centro Espírita, mas demorou a aceitar. Sequer entrou no local.

A angústia continuava a afligi-lo. O sofrimento era tamanho que chegou a pensar em suicídio. Izaías se emociona ao se lembrar desses tempos. E da maneira como se livrou de tanta dor e aflição. Foram sucessivas visões e revelações que o levaram a assumir o trabalho espiritual, uma tradição da família. Numa delas, segundo relata, teria testemunhado a transfiguração do próprio Jesus Cristo que o tomou pela mão, “formando uma corrente de luz até o infinito”. Ele tinha 23 anos na época.

Com o coração apaziguado desde então, dedica-se a dirigir a casa de oração e a comandar o Bate Flechas e a Charola, juntamente com os irmãos Adílio e Rufino. Em 2010 foi reconhecido como Patrimônio Vivo de Cachoero. Também em 2010 o Bate Flechas de São Sebastião ganhou o Prêmio Renato Pacheco, da Secult e em 2011 o Prêmio Mestre Armojo do Folclore Capixaba. Em 2012 foi produzido o documentário “Filhos da Fé: Alto Paulista de São Sebastião” sobre a Charola, financiado pela Secult e Associação de Folclore.

Pai de seis filhas, diz que somente Deus sabe qual delas será a escolhida para dar seguimento à missão espiritual da família. Embora tenha pouca instrução formal, o lavrador se declara um leitor assíduo da bíblia. “O mestre é o líder, tem que ter conhecimento, dom e saber exercer a função. Tem que saber falar, mas não é tudo que pode ser dito”, ensina.

“O que é da gente, ninguém tira”



Canutinha

Guardiã das tradições e histórias do Caxambu Alegria de Viver de Vargem Alegre, a Mestra Canuta Caetano, Dona Canutinha, divide com a família a missão de ligar passado e futuro, num chão de memórias afetivas. Ao tecer uma teia de lembranças dos antepassados, busca constituir a própria identidade.

Em Vargem Alegre o grupo de Caxambu divide o espaço com a comunidade católica de São Sebastião, santo de devoção de toda a família Caetano. Risonha, terna e ativa, Canutinha exerce forte liderança tanto na família como na comunidade, onde é referência para as atividades religiosas, entre as quais a de ministra da Eucaristia. É em frente à sua casa que é montada a fogueira em torno da qual os “Caetano” promovem as seculares e animadas rodas de Caxambu.

Canuta nasceu em 13 de julho de 1938, no mesmo pedaço de chão onde ainda vive, cercada por parentes próximos, na comunidade de Vargem Alegre, distrito de São Vicente. É filha de Saturnino Luís Caetano e Antônia Mendes de Souza Caetano, que eram filhos de escravos libertos da Fazenda da Serra, maior fazenda escravocrata da região. É a sétima dos treze filhos do casal.

Sua liderança no Caxambu surgiu cedo. Aos 17 anos, assumiu a função de mestra em virtude das dificuldades que os pais já idosos enfrentavam para cumprir as obrigações. Mas o sorriso permanente e a vivacidade escondem uma história de perdas que volta e meia entristecem a falante Canutinha.

Ela se casou muito jovem, teve um único filho e foi abandonada pelo marido três meses depois do nascimento da criança. Doze anos depois casou-se com Orestes Fornasier Dalto, proprietário rural vizinho, descendente de italianos, então com 65 anos de idade. Após três anos da união, ficou viúva e retornou para a casa da família. Perdeu também o filho Antonio, que morreu aos 33 anos, deixando quatro netos que já lhe deram quatro bisnetos.

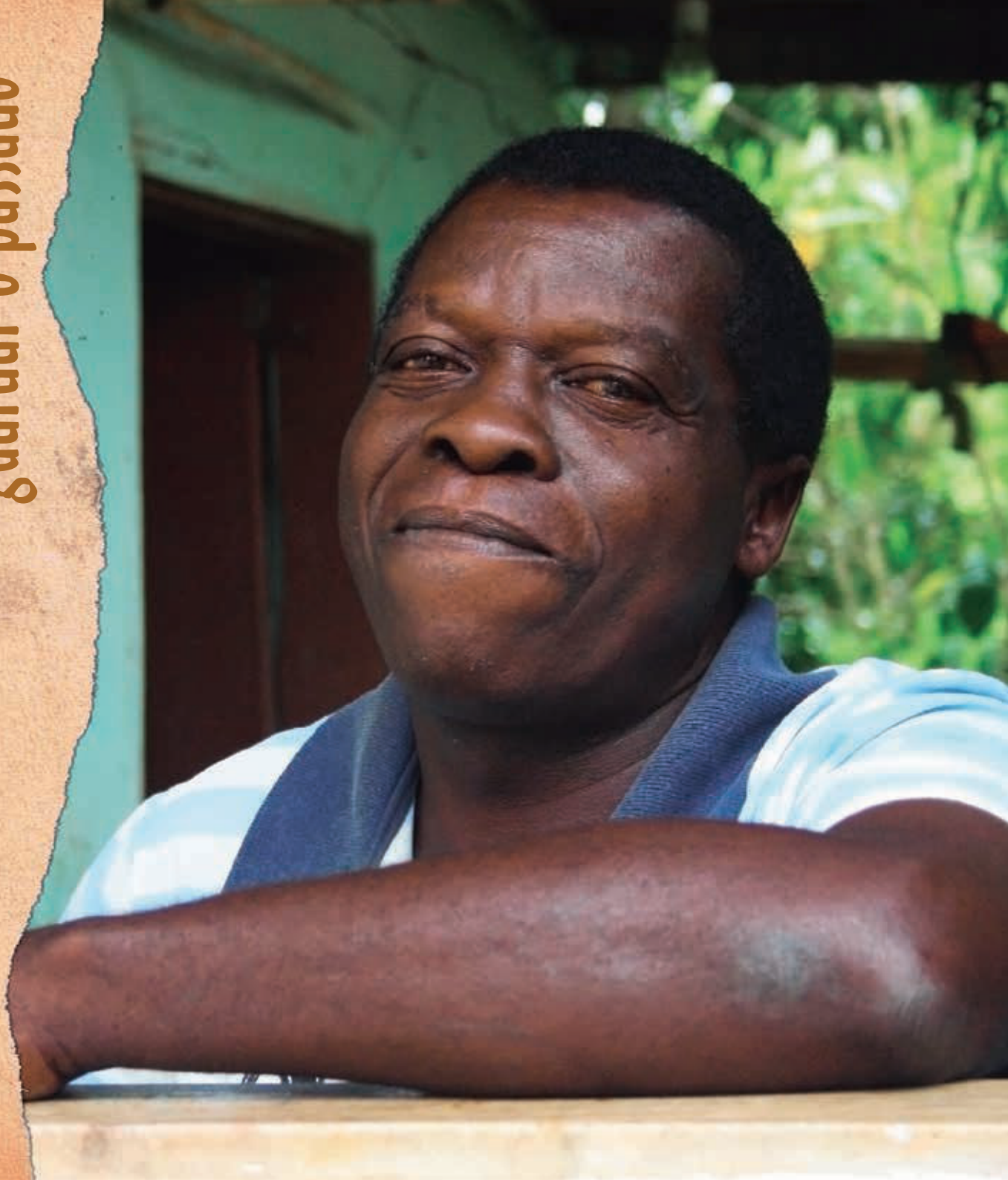
“Às vezes a tristeza é grande, mas não deixo a depressão me vencer”, diz convicta. A longevidade é um traço comum na família. A avó materna, ex-escrava, morreu aos 131. Jongueira, a avó ensinou a ela muito sobre Caxambu. Canutinha é respeitada não só em Vargem Alegre, como também em Cachoeiro, por sua postura firme na defesa das tradições e na condução das atividades religiosas.

Em 2008 o Grupo de Caxambu Alegria de Viver recebeu do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) o título de Patrimônio Cultural do Brasil. No ano seguinte Canutinha ganhou o Prêmio Mestra Dona Izabel, concedido pelo Ministério da Cultura e também o Prêmio Mestre Armojo do Folclore Capixaba, da Secretaria de Estado da Cultura (Secult). Em 2010 Canutinha foi reconhecida como Patrimônio Vivo de Cachoeiro.

Sábida, diz que na vida é preciso destinar tempo para a fé, mas também para a diversão. “Há tempo para tudo, tempo para viver a vida”, ensina. À beira do fogão, dá mostras da memória caudalosa ao contar episódios da infância, ocorridos há mais de 60 anos. Ela conta, por exemplo, que tinha fama de não gostar das tarefas domésticas, o que irritava as irmãs. E para escapar do trabalho, sempre fugia para a escola mais cedo, revela com um sorriso maroto.

Excelente cozinheira e boa anfitriã, não há quem não se sinta em casa no lar singelo de Canutinha. Impossível é resistir ao convite para um “dedo de prosa”, à beira do fogão sempre aceso e, principalmente, para provar a comida preparada em meio a lembranças e saudade de um tempo que se faz presente tão somente pelo Caxambu Alegria de Viver.

“Tudo é aprender. Ser mestre é saber
guardar o passado”



Paulinho

Nascido em 29 de junho de 1951, numa família de muitas mulheres, fortes e falantes, Pedro Paulo Catetano aprendeu desde cedo que o segredo da harmonia é ouvir muito e falar na hora certa. Mestre jongueiro há 35 anos, o silencioso Paulinho tocou tambor pela primeira vez aos sete anos de idade. No Caxambu Alegria de Viver, da comunidade de São Sebastião de Vargem Alegre, tem a função de tocar os tambores, cantar e fazer jongos.

Na juventude Paulinho deixou Vargem Alegre para trabalhar inicialmente em Cachoeiro, depois em Vitória e até no Rio de Janeiro. Mas a ligação com o lugar onde viveram os antepassados falou mais alto e ele voltou. Hoje trabalha na lavoura e juntamente com os irmãos Hyldo, Canuta e Ormy, cuida de manter vivo o Caxambu. “A gente permanece ligado onde nasce. Aqui tem sossego e tranquilidade”.

Saudoso de um tempo em que havia mais diversão, menos violência e mais tempo para a convivência, Paulinho vê com preocupação a ameaça de esvaziamento do Caxambu. “As pessoas se consideravam mais. Daquele tempo sobrou apenas o Caxambu que se mantém graças aos mais velhos. A gente até tenta ensinar, mas não tem a quem passar”, diz, lamentando o desinteresse dos jovens.

Um dos mais importantes mestres jongueiros do Espírito Santo, Paulinho foi reconhecido como Patrimônio Vivo de Cachoeiro em 2012. Assim como os irmãos, aprendeu a tocar os tambores centenários observando os mais velhos nas animadas rodas da dança que aconteciam em frente à casa da família, mesmo lugar onde se toca e dança hoje.

Além de comandar os tambores do Caxambu Alegria de Viver, Paulinho exerce funções de liderança na comunidade, conhecida também pela forte devoção católica a São Sebastião. “A gente precisa ter fé e ir se adaptando, mas é triste ver que não há interesse em manter a nossa cultura”.

De sorriso fácil, Paulinho é capaz de trocar o costumeiro silêncio pela eloquência verbal ao rememorar histórias de seus antepassados, “causos” vividos ou narrados, como o de pessoas “amarradas” na roda, numa teia de acontecimentos, símbolos e significação na qual busca conferir sentido e identidade à própria existência.

*“É um tempo muito diferente. A gente
tem de resistir”*



Don Gildo

A primeira vista, o octogenário Hyldo Caitano, Don Gildo como é chamado pela família, parece desconfiado e avesso a conversa. Mas basta insistir na prosa para que ele comece a contar histórias e desfiar ensinamentos. Ao lado da irmã Canuta, é um dos guardiães do Caxambu Alegria de Viver, da comunidade de São Sebastião de Vargem Alegre, distrito de São Vicente.

Don Gildo é um dos mestres de Caxambu com mais tempo de atividade no Espírito Santo. Já são quase 70 anos no comando dos tambores. Em 2011 ganhou o Prêmio Mestre Armojo do Folclore Capixaba e recebeu também a certificação de Patrimônio Vivo de Cachoeiro, pela Lei Mestre João Inácio.

Nascido em 3 de dezembro de 1930, conta que aprendeu o Caxambu com a avó Estelina Maria da Conceição, a quem acompanhava nas brincadeiras desde pequeno. Ele se recorda de que bem menino, à noite, pegava um caixote e simulava que estava na roda. Uma ousadia porque criança não podia participar.

Bem humorado, diz que o segredo da vida longa é o equilíbrio em relação a tudo. Faz relato de um cotidiano árduo na juventude, mas feliz. “Socar o café no pilão, limpar o lampião, puxar a cana. Dava mais trabalho, mas era mais bonito”, avalia.

Havia muito trabalho, mas havia também muita festa. Em maio era um mês inteiro de rezas e rodas de Caxambu. “Juntava muita gente nas rodas. Era um povo unido”, diz. Lavrador aposentado, Don Gildo exhibe braços fortes e rijos para um ancião. Resultado da lida na lavoura e das décadas de tocador do Caxambu, o tambor maior que dá nome ao folguedo, função que assumiu aos 14 anos.

Don Gildo lembra também de ter recebido ensinamento sobre o folguedo de um velho jongueiro chamado Carolino, vizinho na juventude. Hoje, com a saúde fragilizada, já não acompanha o grupo na agenda de apresentações fora de Vargem Alegre. Mas nas rodas em frente à casa da família, faz questão de marcar presença. Busca energia para tocar o tambor centenário no compromisso assumido com os seus “troncos”, os ancestrais.

Don Gildo é uma referência de conhecimento sobre o folguedo. E busca difundir o que aprendeu com os antepassados, ensinando os próprios netos. Mas reconhece que não há muito interesse. “É uma tradição que veio do cativo. É nossa raiz mais profunda. Não pode se perder”.

Ele diz que bastam cinco ou dez pessoas para fazer uma roda de Caxambu. E que um bom jongueiro tem de ter a mente boa. “Tudo o que se aprende é de valor. O ensinamento a gente guarda. Mais prazer eu teria se os novos viessem seguindo. Seria mais animado. É um tempo diferente, mas a gente tem de resistir”.

“Na roda de Caxambu, quando
danço esqueço de tudo”



O Ormy

O rmy Caitano tem fama de mulher corajosa, do tipo que enfrenta até bicho perigoso como uma imensa cobra surucucu, quando desafiada. O episódio ocorreu há muitos anos, mas ela é capaz de narrar com a emoção de quem acabou de vivenciar a aventura. Graças ao gesto destemido, conquistou a fama heroica.

Aos 69 anos, a mestra jongueira confessa que gosta mesmo é de dançar numa roda de Caxambu. “Quando danço, esqueço de tudo”. A exemplo da irmã Canuta, Ormy fundamenta o sentido de sua existência no microuniverso da comunidade de São Sebastião de Vargem Alegre, fundada pelo avô, “o velho Caetano”, nas memórias da família e na tradição do folguedo surgido nos tempos do “cativeiro”.

“Foi meu avô que mandou fazer o oratório e construiu a primeira capelinha na região”, conta orgulhosa, ao mesmo tempo em que evoca lembranças da mãe Antônia, boa cozinheira, parteira, costureira e rezadeira. E conta também travessuras dos tempos de menina, rememora “pinimbas” inocentes com as irmãs, as brincadeiras no casarão da família e a discriminação sofrida na escola. “Era muito difícil para uma criança negra aprender naquela época”, relata.

A união é um traço determinante na família Caetano. A forte ligação entre os irmãos e irmãs se fundamenta na atualização permanente da memória do clã. É por meio da repetição das histórias vivenciadas ou relatadas pelos pais e avós que essa união se fortalece.

Ormy saiu da casa dos pais ainda menina para trabalhar como babá numa fazenda próxima. Já adulta seguiu para o Rio de Janeiro. Casou-se, teve dois filhos, mas acabou deixando o marido e retornando para Vargem Alegre, lugar que considera seu destino. Trabalhando como lavadeira, criou os filhos sozinha, com o apoio da família. Atualmente mora em Cachoeiro, mas está sempre em Vargem Alegre.

Reconhecida como Patrimônio Vivo de Cachoeiro em 2012, a mestra jongueira diz que o Caxambu ajuda a manter viva a lembrança dos antepassados. “O Caxambu é uma dança que se dança sem cavalheiro. Qualquer um pode dançar”, assegura.

A iniciação no folguedo ocorreu na infância. “Criança não podia entrar na roda. Mas aí a gente fazia uma roda nossa e brincava com latas de querosene”, rememora com ar travesso. Perto de completar 70 anos, garante que numa roda não sente o peso da idade. Quem já a viu dançar, concorda de pronto. “É o Caxambu que dá sentido ao que somos”.

"Santo Antônio forma barulho,
São João vem guerrear..."



Luzia Caetano

O chocalho era sua companhia inseparável. Estava sempre à mão. Na primeira oportunidade, sacava o instrumento e passava a tocar com tanto entusiasmo que sua alegria era capaz de contagiar quem estivesse por perto. Era uma das mulheres fortes da Família Caetano, de Vargem Alegre, e a mais animada nas rodas de Caxambu.

“Adorava festa. Estava sempre dançando e cantando”, pontua a irmã Canutinha, ainda sob o impacto da morte de Luzia, aos 66 anos, em meados de 2012. Contam os parentes que Luzia descobriu o chocalho aos vinte e poucos anos. E não se separou mais do instrumento. Era uma espécie de talismã para espantar a tristeza e garantir alegria.

Festeira e vaidosa, jamais se casou. Não quis abrir mão da independência e da autonomia. “Desde criança ela cuidava das próprias roupas, sabia o que queria”, diz Canutinha que, assim como o restante da família, compreendia e relevava até os frequentes atrasos e por vezes o jeito meio atrapalhado da irmã. “Não tinha jeito, ela sempre se atrasava. Mas no final dava tudo certo”.

Ainda menina Luzia deixou a casa da família, em Vargem Alegre, para trabalhar em fazendas da região. Destino muito comum a outras jovens de famílias pobres na época. A necessidade de trabalhar afastava para sempre as crianças da escola. “A vida inteira ela trabalhou muito, mas nem por isso reclamava. Estava sempre de alto astral”, enfatiza a irmã.

Das mulheres da família Caetano, Luzia foi a única a herdar da mãe o ofício de rezadeira, vinculado à prática da Umbanda. E o exercia com dedicação e maestria. Mantinha na própria casa, em Cachoeiro, uma mesa para atendimento. Esse saber, ela levou com ela.

Excelente cozinheira, sempre foi o “braço direito” de Canutinha nas festas de Vargem Alegre onde a comida é farta e a alegria também. Apaixonada por crianças, era ela quem organizava a festa anual de 12 de outubro.

Mesmo morando em Cachoeiro, cuidava de manter os laços com a família. Não perdia uma roda de Caxambu. O chocalho inseparável sempre na bolsa. “Quando tocava, ela era o centro das atenções”, diverte-se Canutinha. A mestra jongueira Luzia personificava como ninguém a denominação do Caxambu que a família preserva: “Alegria de Viver”.

Esse era um dos seus jongs prediletos:

“Mineiro quando vai embora
 não avisa pra ninguém,
 Ô mineiro não perde a hora,
 Ô mineiro não perde o trem”

“Na vida tem de conversar pouco e acertado”



“Cumadi” Ilinha

Observadora e de pouca prosa, Adevalmira Adão Felipe, a “Cumadi Ilinha”, é o esteio do Caxambu Santa Cruz de Monte Alegre, um dos grupos mais tradicionais do Espírito Santo, com pelo menos 130 anos de atividade e cuja face mais evidente é a da irmã, a falante e exuberante Maria Laurinda. Nasceu em 5 de junho de 1940, em Monte Alegre, distrito de Pacotuba, onde ainda vive.

No Caxambu Santa Cruz é “Cumadi” Ilinha quem toca o tambor maior que dá nome ao folguedo e que tem a função de “chamar” na roda de dança, sempre em torno de uma fogueira. Ela é a única mulher no Estado a comandar o caxambu. Foi levada a participar do grupo pelo avô, Mestre José Ventura, ainda menina.

Mas só começou a tocar tambor aos 15 anos. Depois não parou mais. Se depender do seu empenho, a tradição está preservada. Em família, já ensinou o filho Adão e o neto Cleuves a tocar o instrumento. Tem ensinado também outros jovens da comunidade que se interessam.

Ela conta que aprendeu a tocar tanto o caxambu (tambor maior) como o candongueiro (o menor) observando os mais velhos nas rodas de Monte Alegre. “Para bater o caxambu, quanto mais aquecido, menos força precisa”, ensina. Reservada, “Cumadi” Ilinha é econômica na fala, mas precisa nas respostas. “O Jongô é uma cantiga cheia de mistérios que tem que ser batida no ritmo certo”, enfatiza.

Certificada pela Lei Mestre João Inácio como Patrimônio Vivo de Cachoeiro em 2011, Adevalmira diz que o “Caxambu é uma alegria que os velhos deixaram”. E acrescenta: “É uma missão. Onde chamar, tem que ir”. Ela lamenta que a própria comunidade não valorize o Caxambu como supõe que deveria e se ressentida, principalmente, da falta de interesse dos mais jovens.

Além de tocar os tambores, Adevalmira é o braço direito da irmã Maria Laurinda no Centro Espírita São Jorge, uma das mais tradicionais casas de oração do município. Lá se praticam rituais de Umbanda, considerados por pesquisadores de cultura popular como dos mais puros e autênticos. Em 2011 ganhou o Prêmio Mestre Armojo do Folclore Capixaba.

*“O que a gente sabe é muito bom dividir
com os outros”*



Maria Laurinda

Mestra do Caxambu de Monte Alegre, mulher de múltiplas faces, guardiã das tradições de seu povo. Assim é Maria Laurinda Adão, misto de rainha e guerreira, uma figura sempre exuberante com seus adornos coloridos, sorriso fácil e uma vitalidade que desafia o tempo. Aos 69 anos, mantém um ritmo de atividades intenso, dividindo-se entre as funções no grupo de Caxambu Santa Cruz e as lideranças espiritual e comunitária em Monte Alegre, lugar onde nasceu e sempre viveu.

Engajada, militante em frentes diversas - da cultura popular às causas trabalhistas e de gênero -, Maria Laurinda ganhou notoriedade em todo o Estado e até fora. É referência na Comunidade Quilombola de Monte Alegre. Nasceu em 3 de julho de 1943, teve uma vida difícil e sofrida, mas nem por isso renunciou à alegria de viver.

Aos 12 anos assumiu o ofício de parteira. Foram mais de 100 crianças trazidas ao mundo desde então. “Nunca perdi alguma”, conta orgulhosa. Ao longo de 45 anos foi a parteira oficial das localidades de Monte Alegre, Pacotuba, Retiro, Boa Esperança, Jaboticabeira, Mangueira, Morcego, Santa Joana, Santa Maria, dentre outras.

Aos 25 começou a trabalhar como coveira, de forma voluntária, nos cemitérios de Monte Alegre e Morro Seco, ofício que ainda exerce, sempre que há necessidade.

Mãe solteira de uma única filha, aos 27 anos, jamais quis se casar. O pai Paulino Adão não aceitou e a expulsou de casa. Com o tempo fizeram as pazes. Não sobraram mágoas. Hoje tem quatro netos e quatro bisnetos.

Ainda criança já participava do Caxambu de Santa Cruz, que segundo relato dos mais antigos teria nascido no dia da libertação dos escravos, em 13 de maio de 1888, por iniciativa de um ancestral, um escravo que volta e meia era castigado no tronco por sua constante rebeldia. O grupo era comandado pelo avô José Ventura.

Mas somente aos 20 anos passou a ter uma participação mais efetiva, juntamente com a mãe Eremita e o irmão Paulo Adão, então mestre. Como ambos se tornaram evangélicos, Maria Laurinda assumiu a missão de mestra e líder do Centro Espírita São Jorge, com a ajuda da irmã Adevalmira.

Por sua atuação destacada nas diversas frentes em que milita, Maria Laurinda obteve reconhecimento e notoriedade. Em 2010 foi certificada como Patrimônio Vivo de Cachoeiro. Em 2009 foi uma das vencedoras do Prêmio Mestre Armojo do Folclore Capixaba e também ganhou o Prêmio Mestra Izabel, concedido pelo Ministério da Cultura.

Antes disso, em 2008, foi indicada entre as mulheres que ilustram o livro “Mulheres Negras do Brasil. Está também entre as três capixabas que ilustram o cartaz da Lei Maria da Penha. Em 2012 foi tema do documentário “Todas as faces de Maria”, financiado pela Secult.

Atualmente preside a Associação de Folclore de Cachoeiro, da qual é membro fundadora. “É um compromisso meu. Vim para ajudar outras pessoas, aqueles que precisarem. Se for determinado por Deus, estou junto”, detalha sobre a missão de mestre. Defende que o conhecimento deve ser compartilhado. Para ela o pior defeito do ser humano é a ingratidão.

Em 2008 o Grupo de Caxambu Santa Cruz recebeu do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) o título de Patrimônio Cultural do Brasil. No mesmo ano desenvolveu na escola de sua comunidade um projeto de resgate das raízes africanas. “É só alguém pedir que acendemos a fogueira e começamos a brincadeira”, diz com um sorriso aberto.

"A Capoeira é um momento sagrado. É minha religião, minha devoção. Dá sentido à minha vida"



Falcão

Para Aldeci Gomes da Silva, o Mestre Falcão, da Associação Desportiva e Cultural Navio Negroiro, mais do que um esporte ou uma luta, a Capoeira é um agente socializador. Essa convicção norteia sua prática de mais de 30 anos e a missão que considera a mais importante de sua vida: a de ensinar.

“Capoeira para mim é um momento sagrado. É minha religião, minha devoção. Vim ao mundo para ensinar Capoeira”, acredita. Nascido em 5 de fevereiro de 1972, na localidade de São José do Caparaó, em Minas Gerais, Falcão iniciou-se na arte da Capoeira aos dez anos, com o professor João Batista. As aulas ocorriam num antigo campo de futebol do bairro Alto Monte Cristo.

Decorridos dez anos, o grupo se desfez e Falcão passou a buscar um mestre para direcionar seu crescimento na Capoeira. E acabou encontrando Mestre Timbó em julho de 1992. Ele conta que naquela época já desenvolvia um projeto com um grupo de adolescentes no bairro Jardim Itapemirim, onde mora.

Depois de um ano inteiro de testes, treinos e avaliações, com idas frequentes à cidade de Campos, no Rio de Janeiro, Falcão recebeu a graduação de professor. Três anos mais tarde, foi graduado como contramestre e em 1998 recebeu o cordão branco, graduação máxima na Capoeira, juntamente com o título de mestre.

Falcão assegura que tem honrado o título, tanto na promoção da Capoeira como na vivência dos princípios. Serralheiro, soldador, metalúrgico, vigilante, agente de segurança são algumas das profissões que já assumiu. Mas é como professor de Capoeira que se realiza.

É militante do Movimento Negro e presidente da Associação dos Profissionais da Capoeira do Estado do ES. Ao longo de 30 anos de prática formou estagiários, monitores, instrutores e um mestre. “O professor é o que ensina. Mestre é quem conduz”, faz questão de diferenciar.

Mestre Falcão foi certificado como Patrimônio Vivo de Cachoeiro em 2012. Graças à Capoeira obteve diversos títulos, prêmios e reconhecimento público. “A Capoeira é tudo o que sou e o que tenho. É a família que construí”, diz. Ele atribui à prática a conquista de autoconfiança e o jogo de cintura para viver. “Aprendi na arte a levar rasteira e saber levantar. Nasci para ensinar Capoeira. Essa é a missão que Deus me deu.”

Por meio da Associação Desportiva e Cultural Navio Negroiro, fundada em 1992, desenvolve trabalhos de Capoeira Regional e Angola, Maculelê e Samba de Roda em diversos bairros e distritos de Cachoeiro, além de municípios como Atilio Vivacqua e Apiacá.

“Numa roda de Capoeira todo mundo é igual”



Mestre Paulinho

Um dos primeiros mestres de Capoeira a dar aulas em escolas particulares de Cachoeiro de Itapemirim, Paulo Henrique Silva Monteiro, o Mestre Paulinho, contribuiu decisivamente para diminuir o preconceito em relação à prática. E isso nem faz tanto tempo assim. Ele começou a atuar em escolas da rede privada no início dos anos 2000.

“Numa roda de Capoeira todo mundo é igual”, decreta. Mestre Paulinho diz que tem procurado ensinar esse princípio ao longo dos anos, tanto para as crianças de classe média e alta, como para os milhares de alunos de escolas públicas ou projetos sociais para os quais leciona. Eletricista de formação, atualmente sobrevive como professor de Capoeira.

Há 15 anos se dedica ao ofício de ensinar o folgado que pratica há quase 40. É também mestre de Maculelê e Samba de Roda. Integra a Associação Cultural e Educacional de Capoeira Filhos da Princesa do Sul – entidade que promove atividades de ensino da Capoeira há mais de 30 anos, principalmente no bairro Amaral. É o maior e mais antigo grupo da cidade. Desenvolve trabalhos sociais com crianças e jovens carentes.

Nascido no bairro Amaral em 11 de fevereiro de 1964, ainda mora lá. Conta que foi seduzido pela Capoeira vendo o irmão conhecido com João Tobogã praticar. Iniciou-se na arte por volta dos 10 anos, sob a orientação do Mestre Gervásio. “Naquela época, havia muito preconceito e discriminação. A Capoeira era associada à malandragem, era vista como coisa de desocupados. Felizmente não é mais assim. “As igrejas até já aceitam como esporte e cultura”, observa.

É mestre desde 1991. Seu principal argumento na disseminação da prática é o de que a Capoeira promove a integração social, dilui barreiras de cor, credo e opinião. “O ensinamento se dá pelo exemplo da gente”. Para Mestre Paulinho a Capoeira dá a direção da conduta em sociedade. Desde 2011 é reconhecido como Patrimônio Vivo de Cachoeiro.

Sobre o desafiante papel de mestre, sustenta que é a comunidade que tem de conhecer e reconhecer. “Um mestre se revela pela conduta, pelo exemplo”. Equilibrado, atribui a serenidade aos ensinamentos e aos anos de prática. “Minha vida sempre foi trabalhar com crianças e adolescentes. É uma vida voltada ao ensino da Capoeira”.

Sobre a função
do mestre nas
manifestações folclóricas

Sobre a função do mestre

NA FOLIA DE REIS

Ser mestre de Folia de Reis é uma missão, um chamado que só deverá ser deixado com a morte. Normalmente esse compromisso é passado de pai para filho ou mesmo a partir de uma promessa feita pelo folião. O mestre é um grande líder, inclusive espiritual. Muitas vezes essa liderança extrapola os limites da folia estendendo-se por toda a comunidade. Ao mestre cabe a responsabilidade de dirigir o grupo, entoar profecias, desafiar outros mestres, convocar o grupo, caso haja convite para apresentação, e impor a disciplina. No mestre há de se encontrar, além da criatividade, o espírito de liderança que manterá todo o grupo unido. Seus comandos são sempre feitos através de um apito.

NO BATE FLECHAS

Seguindo postura secular, ao mestre cabe a função de entoar cantos (chamados de pontos), impor mudanças rítmicas e melódicas, imprimir disciplina e marcar apresentações para o grupo. A liderança nata é reconhecida pela comunidade, através da reverência com pedidos de bênçãos. A continuidade do trabalho é passada de pai para filho, porém, alguns critérios são estabelecidos para escolha do suposto mestre fora da família, como o conhecimento e profundo respeito pela manifestação. A escolha é natural, mas ainda não existiu, nos grupos de Cachoeiro, a necessidade de passar a liderança para pessoa que não pertença à família do mestre.

NO CAXAMBU

Nos grupos de Caxambu, os mestres têm a função de liderança e sacerdócio. Nem sempre o mestre é o integrante mais velho do grupo, e sim aquele que recebe a missão de seus pais e a conduz até o falecimento. Cada grupo em atividade em Cachoeiro possui um mestre principal e outros, que apesar de também exercerem a liderança e de possuírem o conhecimento, submetem-se à hierarquia do mestre principal. Uma das principais características dos grupos de Cachoeiro e do Espírito Santo é a liderança feminina que começou a se impor principalmente após 1960.

NA CHAROLA DE SÃO SEBASTIÃO

Charola de São Sebastião é a missão de anunciação do nascimento do menino Jesus que inicia no dia seis de janeiro ao meio dia e encerra-se no dia vinte de janeiro também ao meio dia. Durante esse período o grupo

sai em peregrinação pelas estradas do interior, passando de casa em casa anunciando o nascimento do Menino Jesus e cantando os Mistérios da vida de São Sebastião. São atributos do mestre: dignidade, respeito, sabedoria e liderança.

NA CAPOEIRA

O respeito pelos mais velhos e mais experientes, juntamente com a rígida disciplina, são os maiores ensinamentos do folgado. É o mestre quem dá a última palavra. Somente ele está autorizado a permitir a troca da corda dos alunos. De todos os folguedos no município de Cachoeiro de Itapemirim, esse é o que tem o mais rígido e organizado sistema de transmissão de conhecimentos. Aqui, de fato, é seguido o princípio de que receber o título de mestre o capoeirista deve ter no mínimo trinta anos de prática comprovada de capoeira.

Fonte: Site oficial da Associação de Folclore de Cachoeiro (www.folclorecachoeiro.org)

Cultura Popular - Narrativas de Devoção por seus mestres, de Genildo Coelho Hautequestt Filho e Isabel Cristina de Almeida Bastos.

Outros projetos e
ações da Associação
de Folclore de Cachoeiro

A Associação de Folclore de Cachoeiro de Itapemirim foi criada em 2001 com o objetivo de preservar e fomentar as atividades desenvolvidas pelos grupos folclóricos radicados no município. Em mais de uma década de existência, tem atuado na valorização e organização dos grupos, na luta pela aprovação de leis municipais e na confecção de projetos para que os grupos associados possam concorrer a editais nas três esferas de governo: municipal, estadual e federal.

A entidade desenvolve atividades em parceria com todos os grupos a ela associados, bem como com outros parceiros por meio de editais culturais: Gracal Gráfica e Editora, IPHAN-ES, Minc, Olhar Produtora, Pontão do Jongo e do Caxambu, Prefeitura de Cachoeiro de Itapemirim, Rede Gazeta, Sebrae-ES, Secult, Solo Consultoria Ltda.

- Exposição “Coisa de Mestre” do fotógrafo Dário Dias.
- Produção de 12 cartões postais retratando 12 dos grupos associados.
- Aquisição de indumentárias e instrumentos musicais para 14 grupos.
- Realização do I Encontro Capixaba de Jongos e Caxambus, com a participação de todos os grupos de jongos e caxambus da região Sudeste. Apoio Prefeitura de Cachoeiro de Itapemirim, patrocínio Secult, IPHAN e Pontão de Jongo e do Caxambu. Na oportunidade, foram certificados nove grupos de jongos e caxambus do Espírito Santo. Produção do CD: “Todas da Charola de São Sebastião de Alto Paulista”.

PRODUÇÃO DOS DOCUMENTÁRIOS:

- “Os quatro reis do sul”, com a participação dos grupos Folia de Reis Estrela do Mar, Folia de Reis Missão Divina, Folia de Reis Mensagem Divina, Folia de Reis Santa Ana.
- “São Sebastião - o Caboclo Flecheiro”, com a participação dos grupos: Bate Flechas de São Sebastião “Menino Jesus” do Zumbi, Bate Flechas de São Sebastião do Alto Paulista, Bate Flechas de São Sebastião de Pacotuba, Bate Flechas de São Sebastião do Bairro Rui Pinto Bandeira.
- “Ilê Assê Obà Aiarà” - Resistência contra a intolerância racial e religiosa.
- “Filhos da Fé: Alto Paulista de São Sebastião”.
- “Todas as faces de Maria”.

APROVAÇÃO EM EDITAL DA SECULT E MINISTÉRIO DA CULTURA DA CRIAÇÃO DE DOIS PONTOS DE CULTURA, O DO FOLCLORE E O DA CAPOEIRA.

- Núcleo de produção de artesanato em cerâmica no Ponto de Cultura do Folclore, bairro Zumbi.
- Núcleo de produção de artesanato em tecido, bairro Zumbi.
- Portal da Associação de Folclore (www.folclorcachoeiro.org)
- Criação de três bibliotecas comunitárias: bairro Zumbi, Comunidade de Vargem Alegre e Monte Alegre.
- Publicação do livro: “Cultura Popular - Narrativas de devoção por seus mestres”.
- Banco de Imagens

“Um apito no meio da noite. O som retumbante do bumbo acompanhado do gemido melancólico da sanfona. Começa a cantoria do lado de fora. Logo a porta é aberta e a casa se enche de sons. Ninguém mais dorme. É Natal! As lembranças da chegada das Folias de Reis em meio ao silêncio da madrugada são as melhores que tenho da infância. Em minha casa sempre se recebeu Folia. Minha mãe faz isso com um quê de reverência e devoção que emociona. Ela sabe o momento exato de abrir a porta, pegar a bandeira e colocá-la no ponto mais nobre da sala. Depois devolver para que os foliões reiniciem a jornada. Gestos plenos de significado. Tem sido assim ao longo dos anos. Rostos de gente simples, sulcados pelo tempo e pela dureza do trabalho, transfigurados na emoção de anunciar o nascimento de Jesus. Nesse universo não há espaço para Papai Noel, pinheiros, neve ou quaisquer outros símbolos de apelo comercial. Natal para mim foi e sempre será a toada de Reis, o som do bumbo que parece explodir dentro da gente, despertando esperança, desejo de paz e redenção”.

Rosângela Venturi Barros

*Publicado originalmente no jornal A GAZETA,
edição de 19 de dezembro de 2004

APOIO CULTURAL:

